

COZINHA DO DESENHO: REFLEXÕES DO FAZER E DO PENSAR ARTE DENTRO DA SALA DE AULA

ISABELLA WHITAKER¹; VIVIAN HERZOG²

¹ *Isabella Whitaker – isawhitakerart@gmail.com - autora*

² *Vivian Herzog – vivianherzog@gmail.com - coautora*

1. INTRODUÇÃO

Cozinha do desenho é um curso de extensão oferecido à comunidade como parte de um projeto maior intitulado Arte Cidadania. Trata-se de oficinas em que se propõe a confecção e experimentação de materiais alternativos de desenho. Esse tipo de material é procurado pelo seu custo, que normalmente é inferior aos industrializados e pelas possibilidades de manipulá-lo durante seu processo para obter resultados particulares, como a pigmentação, quantidade de material que será produzido, consistência, etc.

Durante as oficinas, apresento algumas formas de produzir giz pastel seco, nanquim e aquarela¹, expondo características e composições de cada material e depois, proponho a experimentação dos mesmos, a partir de desenhos de observação, apresentando algumas possibilidades de técnicas e aplicações dos materiais produzidos. Percebi nas oficinas, alguns pontos específicos dos materiais. Por exemplo, em seus processos de fabricação, utilizamos pigmento em pó² para colori-los. Isso não possibilita uma variedade grande de cores e de misturas, já que o pigmento só possui seis cores disponíveis no mercado e sempre se aproximam de tons ocres e terrosos, o que o torna um pouco precário.

Também, cada pessoa produz seu material da cor que desejar, sendo que ao término de das oficinas, proponho que as pessoas troquem as cores, pois cada receita rende boa quantidade do material. Assim, quem leva apenas um pigmento, ainda tem a possibilidade de levar para casa uma variedade de outras cores, produzidas pelos colegas.

A troca de conhecimentos é bastante intensa durante as oficinas. Por ser um projeto de extensão, abrange a comunidade em geral, então as vivências e a carga de informações de cada um, que são únicas, sempre tem algo a acrescentar durante as experimentações. Nesse sentido, percebe-se a singularidade das experiências e dos significados que cada pessoa traça durante esses processos, o que torna a Cozinha do Desenho, um processo de intensa pesquisa a respeito das possibilidades que os materiais alternativos e suas confecções dispõem.

Nesse texto, procurarei traçar relações entre as experiências do fazer e do pensar da cozinha do desenho com reflexões a respeito da arte dentro sala de aula, levando em consideração alguns autores da área da educação, que propõem um método que instigue a troca de experiências e o despertar da curiosidade e do desejo de experimentação.

“Às vezes eu penso que o que as escolas fazem com as crianças é tentar forçá-las a beber a água que elas não querem beber” (ALVES, 2004, p.14). Levando em conta esse pensamento, percebo que as práticas devem proporcionar experiências que mantenham a curiosidade da criança ou do adulto sempre ativa e

¹ As receitas foram coletadas e elaboradas pelo professor Flávio Gonçalves, IA UFRGS

² O Pigmento utilizado é um pigmento não artístico, conhecido por Pó Xadrez

receptiva. Segundo o autor LARROSA, “[...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura.” (2002, p. 24). Ao alcançar o interesse dos participantes, estes começam espontaneamente a fazer experimentações durante o processo, o que aponta para a potencialidade da cozinha do desenho como um laboratório de trocas e experimentações.

2. METODOLOGIA

A metodologia vem de uma relação intrínseca entre fazer e pensar. É preciso observar como cada oficina é vivenciada por públicos diversos e a partir dessa observação, é possível elaborar estratégias sobre o ensino de artes em sala de aula enquanto experiência e troca. Relatarei algumas impressões de duas oficinas que aconteceram em espaços e públicos distintos.

Em uma delas, realizada na universidade, as pessoas procuraram experienciar ao máximo as possibilidades dos materiais e de suas misturas. Elas combinaram diferentes pigmentos para chegar a determinada cor, modificaram as receitas substituindo, retirando ou acrescentando ingredientes para comparar os resultados finais, modelaram cada giz pastel da forma que achavam mais anatômica e mais funcional para o desenho e na hora da experimentação prática, testaram suportes diferentes, compararam as qualidades dos materiais feitos por eles aos industrializados, testaram e criaram diversas técnicas de aplicação dos materiais.

Já em outra ação, que ocorreu durante a comemoração dos 65 anos da escola de Belas Artes, ao ar livre, na Praça Cipriano Barcelos, o público participante era constituído de crianças de 2 a 12 anos. Ali, tudo se transformou em uma grande brincadeira. Percebi que para muitos, o processo valeu muito mais que o resultado. A magia de misturar as cores, a bagunça de colocar a mão na massa era o que mais os chamava a atenção, sendo que alguns nem sequer se lembravam de levar o material pronto para casa, ou não se importavam em testá-los. Elas experimentavam misturas de pigmentos de forma totalmente intuitiva para gerar outras cores e também exploraram algumas mudanças na receita, para conseguirem alcançar o resultado que queriam.

No decorrer das oficinas, percebi que as pessoas desaceleraram seu tempo e se permitem experimentar e refletir sobre o que estão fazendo. “A velocidade com que nos são dados os acontecimentos [...] que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos.” (LARROSA, 2002, p.23). Esse espaço de desaceleração é também o que permite que a experiência de fato aconteça. “[...] a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência.” (LARROSA, 2002, p.23). Durante as oficinas, as pessoas destinam o seu tempo para aquilo e se deixam atravessar e serem atravessadas pelo ambiente, pelo convívio, pela troca, sem nenhuma insegurança de dar errado. Sem limites.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observando tais processos, percebi que quando se está em uma escola, dentro de uma sala de aula, a situação não precisa ser diferente. A experiência e a estrutura das oficinas que se baseiam em uma prática lúdica podem ser estendidas à sala de aula enquanto um fazer pensante e reflexivo. A criança busca desafios, e é ainda melhor quando esse desafio vem no meio de uma brincadeira, de forma

divertida. “Um brinquedo é um objeto que, olhando pra mim, me diz: “Veja se você pode comigo! ”. O brinquedo me põe à prova. Testa as minhas habilidades. ” (ALVES, 2004, p. 38). A oficina propõe desafios tanto na fabricação quando na experimentação dos materiais, instigando o envolvimento e concentração, que normalmente acontece de forma espontânea durante as oficinas.

Por que não propor então um aprendizado com base na brincadeira, dentro da sala de aula? “Para as crianças, o mundo é um vasto parque de diversões. As coisas são fascinantes, provocações ao olhar. Cada coisa é um convite. ” (ALVES, 2004, p. 10). Procuo então, aproveitar esse olhar sensibilizado para o mundo das crianças para que eles façam suas próprias descobertas a partir das minhas proposições em sala de aula.

Quando adultos participam da oficina, percebo o despertar da criança adormecida dentro de cada um. Acostumados com o ritmo e a rotina acelerados, a Cozinha do Desenho propõe um desacelaramento e uma concentração que é própria ao desenho. EDWARDS (1979) observa que o tipo de percepção e concentração que ocorre quando desenhamos é diferente de outras percepções analíticas, pois o ato de desenhar ativa o lado direito do cérebro que é a parte responsável pelas relações e comparações espaciais que se diferencia do esquerdo, responsável pela escrita e pela fala. Quando desenhamos e estamos de fato concentrados com as linhas, formas e materiais que estão a nossa frente, sem nos preocuparmos com noções pré-existentes dos objetos, ou sem dar nomes prévios a eles, silenciemos o lado verbal das funções cerebrais e nos colocamos a sonhar através de um fluxo de tempo fluido e escorregadio.

A noção de tempo se esvai e as palavras deixam de ter lugar na consciência. Sentem-se alertas e consciente, porém relaxados, sem ansiedade, vivenciando uma ativação mental agradável, quase mística.(EDWARDS, 1979, p.30)

Armar estratégias para brincar e aprender a ver e a pensar, é umas das funções do ensino da arte. O educador ROBINSON (2006), analisa os sistemas escolares, identificando uma hierarquia entre as disciplinas, na qual a área das humanas, em específico a matéria de artes é levada pouco a sério. Afirma ainda que conforme anos passam, a educação direciona seu ensinamento para a cabeça, e para o lado esquerdo do cérebro.

Isso reflete no modo em que a criança irá direcionar seu olhar para o mundo. “A primitiva visão sincrética da criança não diferencia os detalhes abstratos, o que já não acontece com os adultos.” (EHRENZWEIG, 1977, p. 22). O que influencia diretamente no desenho da criança e em seu modo de pensar, raciocinar e ponderar sobre suas ações. A visão sincrética, o lado intuitivo e perceptivo do hemisfério direito deve ser levado e instigado paralelamente às funções verbais e analíticas o que pressupõe uma prática refletiva e questionadora. Prática esta que pode ser estimulada através da proposição de experiências em que se vive e se pensa o fazer de forma espontânea.

4. CONCLUSÕES

A Cozinha do Desenho, além de proporcionar a possibilidade de pesquisar e experimentar a confecção de materiais alternativos é um espaço para propor experiências e reflexões profundas sobre processos de aprendizagem.

Por atingir públicos de diferentes idades e locais, é possível observar diversos resultados, a partir de um mesmo acontecimento. “O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.” (LARROSA, 2002, p. 27).

A prática da Cozinha do Desenho é possível de ser realizada em praticamente qualquer local e para qualquer público, devida sua praticidade. Não importa quantas vezes for aplicada, sempre se obtém novos resultados e impressões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. **O desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Editora Educar DPaschoal, 2004
- EHRENZWEIG, A. **A Ordem Oculta da Arte**. Londres: Zahar Editores, 1967
- EDWARDS, B. **Desenhando com o Lado Direito do Cérebro**. Ediouro, 1979
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. nº19, p.20-28, 2002
- ROBINSON, K, **How to Escape Education's Death Valley**. TED, Abr 2013
Acessado em 22 jul, 2014. Online. Disponível em: <
http://www.ted.com/talks/ken_robinson_how_to_escape_education_s_death_valley#t-979871>